

Uma experiência de escuta psicanalítica a céu aberto

Sancha Maria Benvindo Lopes,¹ Brasília

Maria de Fátima de Novais Gondim,² Brasília

Resumo: Este artigo aborda um trabalho de escuta psicanalítica realizado com um grupo de mulheres de um movimento social localizado numa comunidade carente no entorno de Brasília. Essa comunidade vivia em estado de privação e carecia de condições básicas de vida. O grupo era aberto e as sessões foram realizadas quinzenalmente no ano de 2019. Foi interrompido em razão da pandemia de covid-19. A escuta psicanalítica teve um papel relevante no referido contexto como veículo de acolhimento. A intensificação dos vínculos, a instalação da transferência, a emergência do inconsciente grupal, a linguagem e os afetos, favoreceram as identificações e fizeram emergir a força grupal, trazendo mudanças nas narrativas.

Palavras-chave: escuta psicanalítica, comunidade, terapia de grupo

A experiência de atendimento clínico onde quer que a vida se dê mostramos que o sujeito fala onde quer que haja uma escuta, seja ela no divã, na instituição, nas ruas ou embaixo de uma ponte na mais pura tradição freudiana inaugurada em 1918.
(Jorge Broide)

Freud sabia que deveria cuidar com muito esmero de sua cria, a Psicanálise. Escolhe, então, institucionalizá-la, deixá-la entre paredes, criar uma associação internacional, tratar de seus limites e funções como faz um matemático, tudo bem calculado. Por outro lado, Freud partia para aventuras em outras áreas do conhecimento, às vezes se

1 Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

2 Pretendente, tendo sido aprovada na seleção para a formação em psicanálise na Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) a partir de 2020. Mestrado em gestão em serviços de saúde mental na comunidade pela Universidade de Kent – Canterbury/ Doutorado em psicologia clínica e cultura – UnB.

debruçava sobre a arte e o processo criativo, outras sobre a vida do próprio artista e, ainda, sobre a literatura, o que lhe permitia difundir tanto suas teorias quanto a terapêutica. Essas aventuras foram denominadas por ele de Psicanálise Aplicada. O nome suscitou controvérsias e por isso recebeu críticas, ponderações e até sugestões para mudança do termo. Lacan denominou algumas formas da Psicanálise Aplicada como *psicanálise em extensão*. Entre nós, Fábio Hermann passou a usar o termo *psicanálise extensiva*. Laplanche, por sua vez, contribuiu muito com a discussão epistemológica do termo e trouxe como sugestão o nome *psicanálise extramuros*. O termo Psicanálise Aplicada é teorizado e discutido por estes e outros autores, mas aqui não entraremos em discussão pormenorizada.

Ao pensar na vinculação da escuta clínica fora das quatro paredes do consultório, escolhemos nominar este trabalho de *escuta psicanalítica a céu aberto*.

Não poderíamos iniciar essa discussão sem destacar que entre as grandes paixões de Freud está o seu engajamento nas lutas por justiça e bem-estar social. Seu desejo de tornar a prática da psicanálise fora do consultório amplamente acessível e inclusiva o levou a investir muito nesse sentido.

No livro *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social – 1918-1938* (2005/2019), recentemente traduzido, Elizabeth Ann Danto, norte-americana radicada em Viena, nos oferece, por meio de extensa e rigorosa pesquisa, informações valiosíssimas, com detalhes pormenorizados sobre as clínicas sociais, fundadas com base no importante Congresso de 1918 em Budapeste. Ali Freud conclamou seus colegas psicanalistas a criarem clínicas com atendimento gratuito nos países atingidos pela primeira guerra, onde a população se encontrava muito empobrecida. O ativismo de Freud, nesse período pós-guerra, tanto em discurso quanto à frente de contatos políticos com as autoridades de Viena, deve ser destacado.

Essas clínicas foram fundadas em Berlim, Budapeste, Viena, Londres, dentre outras, num total de 12 cidades, com o envolvimento direto de Freud e, às vezes, até de sua família. Até mesmo seu filho

Ernst L. Freud, arquiteto, foi incumbido de projetar o espaço interior e decorar os aposentos da primeira policlínica, a de Berlim. Além dessas clínicas, vários outros trabalhos sociais com a comunidade foram criados, principalmente em Viena. Essas instituições foram muito importantes, pois prosperaram em termos de atendimento à comunidade, bem como mecanismo de expansão da própria psicanálise. Esses trabalhos comunitários tiveram seu apogeu, mas começaram a desacelerar e foram, até mesmo, interrompidos. Fecharam suas portas, a partir de 1933, em razão das perseguições do estado nazifascista que começava a se estabelecer. Apenas a clínica de Viena funcionou até 1938, já com viés diferente.

Por que algo tão importante para a difusão da psicanálise, como a história dessas clínicas, não foi suficientemente divulgado? Na opinião de muitos pensadores da psicanálise, a Associação Internacional de Psicanálise passou a ser conduzida, nos anos da Guerra Fria, de forma mais conservadora, e o enfoque socializante que prevaleceu no período de entre guerras caiu no esquecimento. Ainda em relação à história das clínicas públicas vale a pena citar uma frase do prefácio do livro de Danto: “Interessante pensar como esse movimento foi apagado, mas não sufocado pela história” (2005/2019, p. 15).

Experiência com uma comunidade

Em 2019 fomos procuradas pela coordenação de um movimento social que pretendia construir uma parceria para apoio psicológico aos membros de um assentamento no entorno de Brasília. Essa comunidade vivia em estado de privação e carecia de condições básicas de vida. O convite ocorreu logo após um acontecimento trágico que envolveu a morte de uma criança, e a comunidade ficou ainda mais sensível e fragilizada.

A escuta psicanalítica também acontece em grupos. Durante os grandes conflitos sociais, a terapia de grupo mostrou sua importância e efetividade, tanto na psicoterapia analítica de grupo quanto em outras abordagens. Na segunda guerra ficou conhecido o experimento do hospital militar de Northfield, na Inglaterra, com grupos liderados por

Bion, Rickman e Foulkes. Nesses grupos foram abordados os conteúdos manifestos e latentes, resistência, defesa e transferência, mas no contexto grupal o foco passa da livre associação para associação de grupo, pois o foco do terapeuta é voltado para o grupo, não para o indivíduo no grupo. Ressaltamos que, muitas vezes, o próprio grupo constrói suas interpretações. Vemos que nos estudos de grupos, com a presença do inconsciente social e de múltiplas transferências, os sentimentos e reações de um membro refletem nos demais.

Nosso primeiro contato com o grupo ocorreu numa sessão de Terapia Comunitária Integrativa, com profissionais desta área. Identificamos a necessidade de grupos menores e propusemos um grupo para mulheres, que logo foi aceito.

Na semana seguinte já começamos o grupo de mulheres. Elas tinham diferentes idades e a maioria possuía baixa escolaridade. Muitas eram solteiras, com filhos. Outras tinham companheiros e algumas já tinham perdido seus maridos. Todas faziam parte do referido movimento social, já haviam vivenciado uma ocupação e conseguido seus lotes naquele assentamento, fato que as enchia de orgulho. Moravam ali em barracos precários, e algumas já iniciavam a construção de suas casas.

As sessões aconteciam debaixo de uma árvore, portanto, chamar essa escuta de *psicanálise a céu aberto* faz todo o sentido. Os encontros eram aos domingos, quinzenalmente. O grupo era aberto e as sessões duravam aproximadamente 1 hora e meia. Iniciamos o grupo dizendo que estávamos ali com o objetivo de criar um espaço para escutá-las sobre suas vivências, sobre o que achassem relevante falar. Nos primeiros encontros as participantes falavam basicamente de suas dificuldades econômicas e do desemprego. Era como se pedissem e esperassem que esses problemas fossem resolvidos por nós. Escutávamos o relato de toda aquela privação, de falta de expectativa e tentávamos, empaticamente, retirar das falas, juntar e pontuar o que mais chamava nossa atenção.

As falas eram tão contundentes, objetivas e concretas, que custava não nos deixar aprisionar por aquele discurso que refletia tanta carência. Ficar à espera de um grau maior de subjetividade não era um exercício fácil, pois nos parecia que a suposição do grupo era que assumíssemos o

papel de autoridade, em que um expõe sua demanda e o outro responde, oferecendo soluções. Enfim, era um chamado a nos posicionarmos, e tudo aquilo nos desacomodava, uma vez que estamos habituadas a nos deter no mundo intrapsíquico, e elas nos convocavam para um mundo real, efetivo.

Chegamos ali com a intenção de não procurar nada de especial, nada que ditasse um rumo. Haveria como escutar aquelas falas, cheias de associações tão pesadas, sem nos deixarmos abater diante de tanto sofrimento?

Almejavamos, seguindo as recomendações de Freud, fazer uma escuta em atenção flutuante. Lembramos aqui de Luís Claudio Figueiredo, em seu importante artigo “Escutas em análise/Escutas poéticas” (2014), quando elabora um histórico sobre as várias formas de escuta psicanalítica, desde as recomendações de Freud até nossos dias. Ao falar sobre a disposição de mente em atenção flutuante, ressalta que as estratégias de escuta foram se multiplicando e ficando mais complexas, sem que por isso o procedimento inventado por Freud tenha se tornado obsoleto. Ele nos diz que não há escuta clínica em que não esteja evidente o caráter de sofrimento, e que a psicanálise se preocupa em acessar as dimensões inconscientes desse sofrimento, o que se faz por meio do entrelaçamento de inconscientes. Acrescenta que essa disposição de mente do analista em participar, com seu inconsciente, do encontro com o inconsciente do seu paciente, é fundamental para que a psicanálise aconteça. E ainda nos diz que essa disposição de mente ética em atenção flutuante, junto com a técnica, formam a estratégia da escuta e que o procedimento é acompanhar, de forma paciente e meticulosa, as trilhas associativas da fala do paciente.

Sabemos que a psicanálise é considerada uma terapia pela fala, e Figueiredo, concordando com outros autores, afirma que a psicanálise é essencialmente a terapia pela escuta, devido a essa trama inconsciente que está embutida em todo esse processo. O autor lembra, ainda, que Freud inicialmente recomendava que buscássemos nas sessões os conteúdos inconscientes recalcados. E mais, que depois de 1936, mesmo sem teorizar sobre isso, Freud acata a ideia da importância de se escutar todas as instâncias, tudo que vier do paciente.

Aos poucos fomos nos surpreendendo com a mudança de rumo nas falas do grupo. Constatamos que, à medida em que o grupo criou laços de intimidade e confiança entre seus membros e coordenadoras, ocorreu uma mudança visível. Com o fortalecimento dos vínculos começaram a surgir relatos de vivências muito sofridas, agora de outra ordem, desde graves conflitos familiares, abusos de diversas formas, falta de apoio dos dispositivos sociais, e até traumas por homicídios de familiares próximos, o que caracterizava situações de grande desamparo. Interessante ressaltar que surgiam porta-vozes que representavam muito bem seus membros, com tanta sintonia que o grupo ficava cada vez mais livre, solto, identificado com a dificuldade do outro, e em alguns momentos até se mostrava bem-humorado, mesmo diante de tamanho padecimento.

Em *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*, Miriam Debieux Rosa nos diz que

Os laços sociais têm seu fundamento na linguagem, mas tal inserção processa-se simultaneamente no jogo relacional, afetivo, libidinal e também no jogo político ... Os discursos que circulam num dado tempo indicam os modos de pertencimento possíveis para cada sujeito, atribuindo a cada um valores, lugares e posições no laço. (2018, p. 24)

A instalação da transferência, a emergência do inconsciente grupal, a linguagem, os afetos, são os principais fenômenos no fazer psicanalítico. A transferência favorece, tanto no trabalho individual quanto em grupos, para que venham à tona dinâmicas profundas nas interações sociais e na história do sujeito, tanto nas mais primitivas quanto nas recentes. Portanto, é por meio de sua história que ele, o sujeito, enuncia uma trama inconsciente que emerge do vínculo. Acreditamos, também, que a maneira empática de estarmos no grupo, bem como a preservação do enquadre, ajudava na criação e na manutenção de todo esse processo. Gostaríamos de ressaltar que, com a mudança ocorrida no conteúdo das falas, ficou confirmado que a escuta psicanalítica é realmente singular, acontece na transferência e, muitas vezes, não requer subsequente interpretação.

Destacaremos um conteúdo com o qual lidávamos constantemente no grupo: a violência sofrida pelas mulheres por parte de seus companheiros. Desde a proibição de usar adereços femininos até violências de várias ordens, como a retirada de bebê ainda em amamentação do convívio com a mãe, e agressões físicas continuadas, entre outras.

Vera, uma mulher de cenho fechado, parecia estar sempre mal-humorada. Não sorria, queixava-se constantemente de dores de cabeça, fazia tratamento com neurologista, estava sem medicamento e não conseguia agendar nova consulta. Vale ressaltar a postura de Vera durante as primeiras sessões: seu olhar parecia perdido, distante. Ficava todo o tempo de cócoras, sobre uma pedra. Trazia cadeiras de sua casa mas as cedia a outras pessoas. Naquela época casada, nos contava que em seus relacionamentos anteriores tinha apanhado muito, sofrido muito, mas hoje, afirmava ela, eu mato qualquer homem que levantar a mão para me bater. Falava com tanta raiva e determinação que às vezes o grupo ficava, por alguns segundos, em absoluto silêncio. De vez em quando, Dona Maria, a mais velha do grupo, a aconselhava em voz baixa: não precisa matar, é só sair de perto, ir embora. Vera respondia que só sair de perto não era suficiente, precisava trucidar.

Ao falar, Vera demonstrava ser muito potente. Entendemos que isso era para se defender da dor e do horror, pois ela substituíra o medo de morrer, a fragilidade, o desamparo e a humilhação, vivenciados diariamente, pelo desejo de vingança. Para não sucumbir, precisava ser muito forte.

Depois de muito falar sobre o que era capaz de fazer, Vera mostrava aos poucos sua fragilidade e conseguia descrever algumas cenas em que, machucada emocional e fisicamente, ficava incapaz de se levantar. Sentia-se um trapo, ficava reduzida a um resto humano.

Com esse movimento interno de Vera, as identificações brotaram com profusão. Quase todas do grupo tinham alguma vivência semelhante à dela, e queriam falar e também compartilhar suas dores. Aquilo lembrava Rubem Alves quando contava que uma amiga nordestina lhe havia dito que

o jogo que as mulheres do Nordeste gostam de fazer quando conversam umas com as outras é comparar sofrimentos. Quanto maior o sofrimento, mais bonitas são a mulher e a sua vida. Conversar é a arte de produzir-se literariamente como mulher de sofrimentos.

E ainda, poeticamente, ele completa dizendo:

Acho que foi lá que a ópera foi inventada. A alma é uma literatura. É nisso que se baseia a psicanálise... (2012, p. 131)

Depois de ouvir de suas companheiras tantos relatos de sofrimentos, Vera confessou que achava que tudo aquilo que viveu só acontecia com ela. Seria esse seu desligamento psíquico um bloqueio por excedente de dor? Por trauma? Nos parece que lançar mão de um mecanismo para blindá-la da realidade foi a forma de organização psíquica possível para lidar com sua dor.

É possível alguém falar livremente a um grupo e diminuir seus sintomas, suas mazelas? Nos parece que foi o que ocorreu com Vera. Ela parecia mais leve, olhava mais para suas companheiras de grupo, dava sua opinião de um jeito menos duro. Aos poucos se tornou uma líder naquele grupo e na comunidade.

Flora, mãe de cinco filhos, tem um companheiro que faz uso de drogas, a agride fisicamente e a ameaça de morte. Os barracos são muito próximos uns dos outros e se escuta com nitidez o que se passa na vizinhança. Numa de nossas sessões, elas trazem um episódio ocorrido na semana. Contam que ouviram o companheiro de Flora agredindo-a e a ameaçando de morte. Dona Maria ligou para Vera, que ligou para muitas outras mulheres e todas se aglomeraram rapidamente em volta do barraco de Flora. Protestaram, falando alto e ameaçando chamar a polícia. Falam, orgulhosas, que as agressões cessaram e, até aquele momento, não se repetiram. Um acordo foi feito entre elas. Ninguém mais vai sofrer agressões sem que todas se mobilizem.

Um outro caso que ilustra a importância de vivências de “ancoragem” (Broide & Broide, 2020) dentro desse grupo foi o protagonizado por Lourdes. Ela conta que vive um relacionamento conjugal

muito tenso, que seu companheiro, ultimamente, está muito esquisito, ciumento e muito perseguido. Acha que a qualquer momento alguém entrará em sua casa para matá-lo. Ela temia ser atacada por ele, que agora sempre portava uma faca, e estava tão transtornado que abandonou o trabalho. Além disso, Lourdes nos mostra marcas de contusões e relata que há duas semanas sofreu tentativa de estupro em uma parada de ônibus, voltando do trabalho. Acrescenta que depois disso passou a ter insônia e crises de pânico, o que a impede de sair de casa até mesmo para ir ao trabalho, considerado por ela como um dos vínculos sadios e gratificantes. Ela não via saída para sua situação.

Toda dor traz uma instabilidade psíquica, uma ressonância. O grupo funcionou como um espaço de expressão e troca. As outras mulheres sentiram-se sensibilizadas, sugeriram saídas, apontaram caminhos, alternativas, como a busca de ajuda entre familiares do marido.

Após muita insistência do grupo Lourdes, mesmo sentindo-se rejeitada, decidiu procurar e conseguiu apoio e engajamento da família do marido para que o mesmo iniciasse tratamento em instituição de saúde mental. Com o transcorrer das sessões observamos mudanças em Lourdes, que se mostrava mais alegre, segura, confiante, tendo já retomado suas atividades habituais.

É importante dizer que logo depois da trágica morte, já aqui mencionada, ocorrida no assentamento, a coordenadora havia conclamado aquela comunidade a assumir uma postura de vigilância e autoproteção. No entanto, percebemos que só com o transcorrer dessa nossa experiência grupal aquilo passou a fazer sentido para elas. Vale ressaltar que o tempo, para uma compreensão psíquica, é singular. Envolve transformação interna do sujeito.

Nosso trabalho, nessa comunidade, teve a intenção de proporcionar a essas pessoas um espaço de escuta em que pudessem falar de suas dores, desamparos, carências, desejos, fantasias, enfim, espaço onde houvesse circulação da palavra, de afetos, para, dessa forma, diminuir seus padecimentos, fortalecer laços e construir um futuro mais humano.

Nessa experiência, constatamos que o desalento presente no grupo – em razão das carências, da violência, da iminência de morte,

de vivências caóticas ali expostas – poderia facilmente nos contagiar, e é necessário, portanto, atentarmos para o *desejo de vida*, com seus fios invisíveis também presente ali.

A intervenção clínica, por meio da escuta psicanalítica em comunidades muito sofridas, alijadas de cuidados sociais básicos, pode trazer oportunidades de elaboração para vivências violentas e enlouquecedoras. Esperamos que este relato possa ampliar essa reflexão. Freud sonhou com uma Psicanálise viva, inserida no contexto social. Por que não podemos nos espelhar nesse sonho?

Una experiencia de la escucha psicoanalítica a cielo abierto

Resumen: Este artículo describe un trabajo sobre la escucha realizada con un grupo de mujeres de un movimiento social en una comunidad pobre localizada en los alrededores de Brasília. Esa comunidad vivía en un estado de privación y no contaba con condiciones básicas de vida. Se trataba de un grupo abierto, y las sesiones fueron realizadas quincenalmente en el año 2019. El trabajo fue interrumpido debido a la pandemia de covid-19. La escucha psicoanalítica tuvo un papel relevante en el referido contexto como vehículo de acogida. La intensificación de los vínculos, la instalación de transferencia, el surgimiento del inconsciente grupal, el lenguaje, los afectos, favorecieron las identificaciones y permitieron que se manifestara la fuerza grupal, lo que resultó en cambios en las narrativas.

Palabras clave: escucha psicoanalítica, comunidad, terapia de grupo

One psychoanalytic listening experience under the open sky

Abstract: This article is about a study on the psychoanalytic listening carried out with a group of women belonging to a social movement in an underprivileged community on the outskirts of Brasília. This community lived in a permanent state of hardship and lacked basic living necessities. The group was open, and sessions were held twice monthly throughout 2019. It had to be interrupted due to the covid-19 pandemic. The psychoanalytic listening played an important role as a vehicle for welcome. The creation and strengthening of bonds, the appearance of transference, the occurrence of a group unconscious, the language, the affects, all contributed towards mutual identification and the appearance of a group force, which led to a change in narrative content.

Keywords: psychoanalytic listening, community, group therapy

Referências

- Alves, R. (2012). Escutatória. In R. Alves, *As melhores crônicas de Rubem Alves*. Papyrus.
- Bléandonu, G. (1993). *Wilfred R. Bion: a vida e a obra* (L. L. Hoori & M. Montara, Trad.). Imago.
- Broide, J. & Broide, E. E. (2020). *A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções*. Escuta.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social (1918-1938)* (M. Goldszajn, Trad.). Perspectiva.
- Figueiredo, L. C. (2000). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2014). Escutas em análise/Escutas poéticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(1), 123-137.
- Freud, S. (2010a). Caminhos da terapia psicanalítica. História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). In Sigmund Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad. Vol. 14). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010b). O mal estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad. Vol. 18). Companhia da Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2010c). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 12, pp 147-162). Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Foulkes, S. H. e Anthony, E. J. (1972). *Psicoterapia de grupo, a abordagem psicanalítica*. Civilização Brasileira.
- Rosa, M. D. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. (2ª ed.). Escuta/Fapesp.
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em seu tempo*. (A. Teles, Trad.; M. A. C. Jorge, Rev. Tec.). Zahar.

Sancha Maria Benvindo Lopes
sancha.benvindo@gmail.com

Maria de Fátima de Novais Gondim
mariagondim@hotmail.com